

**GABRIELLI, Michelle A.** Por amor ou por vingança, tragédias acontecem. Viçosa (MG): Universidade Federal de Viçosa; Programa de Pós-Graduação em Letras – UFV. Mestranda – Estudos Literários – Or. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sirlei Santos Dudalski. Professora do Curso de Dança – UFV, Bailarina e Arte-educadora.

## RESUMO

O artigo visa traçar um breve panorama acerca da tragédia e analisar as características do trágico, presentes no último ato (5<sup>o</sup> ato) das obras *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de William Shakespeare. As duas peças pertencem ao gênero da tragédia, no entanto, a primeira é definida como sendo uma tragédia lírica e a segunda enquadra-se nos moldes da tragédia de vingança. Mediante a consideração anterior, realiza-se um estudo comparativo entre as obras, tendo como foco os aspectos referentes à morte.

**Palavras-chave:** Romeu e Julieta, Hamlet. Tragédia.

## ABSTRACT

The paper aims at making a brief overview of the concept of tragedy while analyzing the characteristics of the tragic present in the last act of *Romeo and Juliet* and *Hamlet* by William Shakespeare. Both plays are considered tragedies, however the former is defined as a lyric tragedy and the latter as a vengeance one. Finally, we also intend to propose a comparative study which will focus on aspects concerning death in both plays.

**Key words:** Romeo and Juliet, Hamlet. Tragedy.

## Por amor, por vingança

A vida humana e sua representação pela arte são permeadas de tragédias e acontecimentos catastróficos. Para Aristóteles (2005, p. 20), “é a tragédia a representação de uma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções”. Nas palavras de Lesky (2006, p. 26), “a noção de que nosso mundo é trágico em sua essência mais profunda é bem mais antiga que a nossa época, mas compreende-se que especialmente esta se sinta dominada por ideias desse tipo”.

Conforme Aristóteles (2005, p. 23), a tragédia nasce da necessidade de imitar. Assim, no prefácio escrito por Rosenfeld em *A tragédia grega* (2006, p. 15), de Albin Lesky, vê-se que “os gregos criaram a grande arte trágica, um dos maiores feitos no campo do espírito, mas não desenvolveram uma teoria do trágico no drama que chegasse a envolver a concepção do mundo como um todo”. Logo, “a palavra ‘trágico’, sem dúvida alguma, desligou-se da forma artística com que a vemos vinculada no classicismo helênico e converteu-se num adjetivo que serve para designar destinos fatídicos de caráter bem definido [...]” (LESKY, 2006, p. 26). Complementando, Steiner (2006, p. 7) infere que “uma tragédia é uma narrativa sobre a vida de um personagem,

antigo ou eminente, que sofreu um declínio da fortuna num desenlace desastroso”.

Deste modo, pretende-se neste artigo analisar o último ato das obras *shakespearianas*: *Romeu e Julieta* e *Hamlet: o príncipe da Dinamarca*. Essas peças pertencem ao gênero da tragédia, sendo a primeira lírica e a segunda, de vingança. Ambas possuem cinco atos que, brevemente, serão descritos e analisados.

### **Tanto meu amor quanto a minha entrega são infinitos**

O quinto ato de *Romeu e Julieta* é constituído por três cenas. A primeira cena dá-se em uma rua de Mântua. Primeiramente, tem-se o solilóquio de Romeu, seguido de uma conversa entre este e Baltazar e, por último, o encontro do protagonista com o boticário.

No início da cena, Romeu conta sobre o sonho que teve: “[...] sonhei que minha esposa chegava e me encontrava morto. Sonho estranho, que dá permissão para pensar a um homem morto! E com seus beijos soprou ela tanta vida em meus lábios que revivi... [...]” (SHAKESPEARE, 2009, p. 135). Constata-se neste trecho que a morte paira no universo do jovem apaixonado, como se o sonho trouxesse mau presságio. Em seguida, entra Baltazar dizendo que Julieta está morta. Ao ouvir isso, Romeu começa a planejar sua morte e se lembra de um boticário.

A segunda cena ocorre na cela de Frei Lourenço e constata-se que a carta que escreveu não foi entregue ao seu destinatário. O Frei tentará evitar a tragédia iminente, contudo ele ainda não tem conhecimento de que Romeu já sabe da suposta morte de Julieta.

A última cena ocorre em um cemitério, no jazigo pertencente aos Capuleto. Primeiramente, vê-se Páris e seu pajem, que foram levar flores a Julieta. Em seguida, entram Romeu e Baltazar. Romeu manda Baltazar ir embora, mas este decide esconder-se por perto, pois desconfia das intenções de Romeu. Páris vê Romeu tentando arrombar o túmulo de Julieta e decide impedi-lo. Os dois começam a lutar. O pajem, que assiste a tudo, decide ir chamar a guarda. Páris morre durante a luta.

Romeu adentra o túmulo e diz “[...] ah, minha querida Julieta, por que continuas tão linda? Devo acreditar que o irreal espectro da morte de ti se enamorou? [...]”. “Ah, aqui estabeleço meu repouso eterno e liberto esta minha carne mundana e cansada do jugo traçado por estrelas em nada auspiciosas”. Após se despedir de sua amada, toma o veneno. “Assim, com um beijo, eu morro” (SHAKESPEARE, 2009, p. 145).

Frei Lourenço encontra com Baltazar no cemitério e ao entrar no jazigo, constata que tanto Páris quanto Romeu estão mortos e que Julieta começa a despertar. Frei Lourenço pede que Julieta se levante e saia do jazigo, mas ao verificar que seu amado esposo está morto, se mata com um punhal.

Guardas trazem o pajem, Baltazar e Frei Lourenço. O Príncipe entra com sua comitiva, seguido de Capuleto e Lady Capuleto. Um dos guardas informa ao Príncipe: “meu soberano, aqui jaz, assassinado, o conde Páris. Romeu está morto. E Julieta, antes falecida, tem o corpo quente e está recém-morta”. Os Montéquio entram. Frei Lourenço conta aos presentes todo o ocorrido. Todos ficam abalados. Montéquio e Capuleto parecem perceber a que ponto chegaram sua inimizade e seu ódio. A peça finaliza com os dizeres do Príncipe “[...]. alguns serão perdoados, e outros, punidos, pois jamais houve história mais dolorosa que esta de Julieta e seu Romeu” (SHAKESPEARE, 2009, pp. 150-154).

### **Será mais nobre sofrer na alma<sup>1</sup>**

Em *Hamlet*, o quinto ato é constituído por duas cenas. A primeira ocorre em Elsinor e em um cemitério. Há dois coveiros conversando sobre a morte de Ofélia. No decorrer da cena, entram Hamlet e Horácio, que passam a conversar com os coveiros. Durante a conversa, entram o Rei, a Rainha, Laertes, padres e fidalgos com o corpo de Ofélia para o sepultamento. Hamlet e Laertes lutam e são separados por alguns cortesãos. O Rei diz a Laertes que Hamlet está louco, a Rainha também parece acreditar nisso.

A cena seguinte acontece em uma sala no castelo e é iniciada com Hamlet e Horácio. Após, entra o cortesão, Osric. Percebe-se que haverá uma disputa entre Hamlet e Laertes. Osric diz: “[...] a disputa será imediata, assim que Vossa Senhoria nos consignar sua resposta” (SHAKESPEARE, 2010, p. 132). Hamlet aceita.

Entram a comitiva real e servidores com floretes, luvas de esgrima e frascos de vinhos. Hamlet e Laertes escolhem seus floretes. O Rei explica as regras e pede que os jarros de vinho sejam colocados à mesa. “[...] Se Hamlet der o primeiro ou o segundo toque ou devolver o toque no terceiro assalto, que os canhões disparem de todas as ameias. O Rei beberá ao fôlego de Hamlet jogando na taça uma pérola única [...]” (SHAKESPEARE, 2010, p. 135).

Hamlet está vencendo. O Rei brinda a Hamlet e fala: “deem-me a bebida. Hamlet, esta pérola é tua”, e envenena a bebida. Mas Hamlet protela o ato de beber, prefere continuar a disputa. O Rei insiste para que ele beba e ele recusa. A Rainha brinda à fortuna de Hamlet e pega a taça envenenada, bebendo dela. Ela oferece a taça a Hamlet e ele nega novamente.

Durante a disputa, Laertes e Hamlet se ferem. Nesse entremeio a Rainha começa a passar mal. O Rei diz que ela “desmaiou quando os viu ensanguentados”, mas ela revida: “não, não, a bebida, a bebida — Oh, querido Hamlet, a bebida, a bebida! Fui envenenada!”. Hamlet manda trancarem as portas para que se procure o traidor. Laertes conta a Hamlet que ele morrerá, pois o florete estava envenenado e revela: “tua mãe foi envenenada. Não posso mais — o Rei, o Rei é o culpado”. Por conseguinte, Hamlet fere o Rei, após dizer as seguintes palavras: “a ponta! Envenenada também! Então,

---

<sup>1</sup> SHAKESPEARE, 2009, p. 56.

veneno, termina a tua obra” (SHAKESPEARE, 2010, pp. 137-138). À beira da morte, Hamlet diz:

O céu te absolva! Vai, eu te sigo. Estou morto, Horácio. Pobre Rainha, adeus! Todos vocês que estão pálidos e trêmulos diante deste drama; que são apenas comparsas ou espectadores mudos desta cena, se me sobrasse tempo – mas a morte, essa justiceira cruel, é inexorável nos seus prazos – Oh, eu poderia lhes contar... Mas que assim seja. Eu estou morto, Horácio; você vive. Explica a mim e a minha causa fielmente àqueles que duvidem (SHAKESPEARE, 2010, p. 138).

A peça termina com a chegada de Fortimbrás tomando o poder.

## **O resto é silêncio<sup>2</sup>**

*Romeu e Julieta* “é campo de treinamento, onde Shakespeare aprende a se despojar do remorso, e abre caminho para suas cinco grandes tragédias, a começar por *Hamlet* de 1600-1601”. O autor mostra ainda que “não foi fácil para Shakespeare dominar a tragédia, mas nem todo o lirismo e a comicidade dessa peça foram capazes de adiar o alvorecer e a destruidora escuridão que se seguiria” (BLOOM, 2001, p. 143).

Para Aristóteles (2005, p. 25), a tragédia é a imitação da vida, da ação e não das pessoas, assim “a felicidade e a desventura estão na ação e finalidade é uma ação, não uma qualidade. Segundo o caráter, as pessoas são tais ou tais, mas é segundo as ações que são felizes ou o contrário”.

Ao iniciar a leitura das peças, já sabemos o desfecho. Contudo, parece ser da natureza do homem desejar um final feliz. Entretanto, o mundo ao nosso entorno é cercado de desgraças. *Romeu e Julieta* e *Hamlet* comprovam isso.

Shakespeare guia seus personagens por caminhos sem volta. Diferentemente do que se vê no mundo grego, em que o herói possui um destino certo e não pode desvencilhar deste, os protagonistas *shakespearianos* possuem o direito a escolhas, todavia isso não contribui para salvá-los. Complementando,

o mundo grego e elisabetano, é indispensável lembrar, são separados por concepções radicalmente diversas do universo e do destino do homem. O conceito de predestinação, por exemplo, aceito na Grécia dos primeiros grandes clássicos, de certa forma isentava seu herói trágico de ao menos uma parcela de sua responsabilidade: estava predeterminado [...]. No mundo elisabetano, por outro lado, estamos em um universo essencialmente cristão, no qual o princípio do livre-arbítrio é de suma importância, pois, segundo ele, cada homem é responsável por todas as suas ações (HELIODORA, 2004, p. 121-122).

A autora (2004, p. 122) diz que “não haverá maldição dos Átridas, ou qualquer outra, pairando sobre o herói trágico elisabetano – e era muito forte o empenho da Rainha Elizabeth I em garantir que seu governo fosse perfeitamente apto a exercer a justiça pública [...]”. Reafirmam-se as escolhas feitas pelos heróis *shakespearianos*. Em *Romeu e Julieta* “[...] o desfecho trágico ofusca os demais aspectos da peça, deixando-nos em tristes conjeturas com relação à eventual responsabilidade dos jovens amantes pela sua própria catástrofe” (BLOOM, 2001, p. 124).

---

<sup>2</sup> SHAKESPEARE, 2010.

O universo das peças, apesar de distinto, é espreitado pela morte durante os cinco atos. Romeu e Julieta vivem em um mundo em que suas famílias, movidas pelo ódio, provocam não somente o conflito entre elas, mas o conflito social. Imagens relacionadas à morte ocorrem em sonhos e presságios. “Julieta aguardando em êxtase a chegada da noite enquanto Teobaldo jaz morto na rua, do lado de fora. O uso de sonhos premonitórios, a hora da volta de Romeu, e muitos outros aspectos demonstram uma maestria sem precedentes da forma dramática” (KERMODE, 2006, p. 91). Em *Hamlet*,

o choque causado pela descoberta do assassinato de seu pai e pela visão de conduta de sua mãe é tal que, quando a peça começa, Hamlet já começou a morrer, a morrer interiormente; porque todas as fontes de vida – amor, riso, alegria, esperança, confiança nos outros – estão sendo congeladas em sua fonte e gradativamente infectadas pela doença do espírito que o vai – sem que ele o saiba – matando (SPURGEON, 2006, p. 299).

A atmosfera é funesta, e no decorrer da peça notam-se intrigas, motins, desavenças que contribuem para o desfecho. No último ato, presencia-se o sepultamento de Ofélia, a conversa no cemitério, e “finalmente temos o duelo e as mortes [...]” (KERMODE, 2006, p. 182). Este ato é sombrio e a morte mostra-se implacável.

Pela própria estrutura do teatro elisabetano, não há predestinação nas peças. Os amantes querem viver juntos e não morrer juntos. Bloom (2001, p. 131) destaca que “esse amor termina em suicídio mútuo, mas não porque os amantes anseiam pela morte, ou confundem ódio e desejo”.

Hamlet não procurou a vingança, esta lhe foi imposta pelo fantasma de seu pai. Porém, Hamlet pôde escolher entre realizar ou não a vingança e só a faz quando tem certeza da culpa do tio. Segundo Bloom (2001), Hamlet é o primeiro protagonista moderno que reflete sobre si mesmo e, conseqüentemente, evolui.

Contrariamente à tragédia clássica, percebe-se nestas obras “um novo modo de pensar sobre a experiência trágica, agora menos distante da vida de todo dia”. Ressalta-se que “nós usamos a palavra trágico de modo diferente hoje em dia, e uma mudança de sentimento em relação à tragédia pode ser sentida em Romeu e Julieta [e Hamlet]<sup>3</sup>” (KERMODE, 2006, p. 92).

As peças tratadas aqui não se situam no mundo dos deuses e sim do Homem. Para Lesky (2006, p. 31), “a contradição trágica pode situar-se no mundo dos deuses, e seus polos opostos podem chamar-se Deus e homem, ou pode tratar-se de adversários que se levantem um contra o outro no próprio peito do homem”, seja esse antagonista à sociedade, à família, ao amor, à vingança ou ao próprio homem, as tragédias acontecem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>3</sup> Grifo meu.

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. 12. ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

BLOOM, H. **Shakespeare: a invenção do humano**. Trad. José Roberto O'shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOQUET, G. **Teatro e sociedade: Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

HELIODORA, B. **Reflexões shakespearianas**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

LESKY, A. **A tragédia grega**. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Debates).

KERMODE, F. **A linguagem de Shakespeare**. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2009. (Coleção L&PM POCKET).

\_\_\_\_\_. **Hamlet**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Coleção L&PM POCKET).

SPURGEON, C. **A imagística de Shakespeare e o que ela nos revela**. Trad. Barbara Heliodora. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

STEINER, G. **A morte da tragédia**. Trad. Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção estudos).